

ALFARRÁBIOS

2016 © osquerdosautorais

Fanzine

Os textos aqui publicados são de inteira responsabilidade de seus autores.

Foi impresso por Armazém de Quinquilharias e Utopias

Responsável: Paulo de Carvalho

Contato

55 21 99556-1007

armazemdequinilhariaseutopia@gmail.com

Utopia
Brasil

ALFARRÁBIOS



CHRIS HERRMANN

Escritora, editora, musicoterapeuta, tradutora e webdesigner, residente na Alemanha desde 1996. Estudou Letras na UFRJ, Teoria Musical e Piano no CBM, fez Pós-Graduação Musikgeragogik na Universidade de Münster, Alemanha, entre outros cursos. Tem nove livros publicados nos gêneros Poesia, Romance, Contos e Literatura Infantil. Recebeu diversos

prêmios como editora e autora. É editora da Revista Ser MulherArte, articuladora do Mulherio das Letras Alemanha e membro honorária (premiada) da Academia Internacional de Literatura Brasileira - AILB, em Nova Iorque.

www.christinaherrmann.com



**Sou de lua
e tenho frases.**

O tridente

como um tridente
espetando o céu
começaste
a ferir e sangrar
nossos sonhos
: jogá-los no olho
do furacão

agora só nos restam
olhos de nuvens
paisagens cinzas
acostumadas
às tempestades
e aos ventos frios
da solidão



Felina

com olhos faiscantes
e lábios de mel
ela o fascina
você a beija
e a sussurra
doçuras

com manto de fogo
e corpo ardente
ela o arranha
vocês se assanham

envoltos por labaredas
vocês se incendiam
gritam e se gozam
infinitamente
enquanto dure...

...a não descoberta que:
as suas mãos

não passam de patas,
embaixo da sua cama
há outras gatas,
por detrás das suas
falas de amor
só havia garganta

então ela o deixará,
continuará gata
e você, anta



Paisagem

agora ela dormia, depois de resistir
a mais um dia e uma noite de agonia

agora, nem o cheiro da cachaça
e as humilhações do marido a doíam
durante aqueles minutos infinitos
era como se não tivesse sofrido
os seus desmandos, seus urros
seus medos, murros, muros
e covardias

Maria tinha o sonho de um lugar
de um tempo que nunca esteve
de uma paz que nunca viveu
era toda sua aquela beleza
aquela vegetação, aquele silêncio
aquele céu e aquela ponte
que tornava possível os delírios
mais distantes

era todo seu aquele caminho
ao lado do rio e por isso
Maria sorria com aquela imagem
tão bela como uma tela pintada,
tão bem retratada como fotografia
tão carinhosa como a paisagem
de um afago que a maldade
não conhecia

(só Maria)



O banco

o banco daquele jardim
testemunhara doçuras
agruras lamentos sorrisos
anseios de ricos
e pobres

permitiu-se cobrir
de folhas secas
como meus olhos
de outono
de pétalas de jasmim
das primaveras
que não festejei

naquele banco
coube um universo
de sonhos
que eu desconheço
só não cabe nele
o imenso vazio de mim

ALFARRÁBIOS

CRIS ÁVILA



Mora no Rio de Janeiro. Funcionária Pública. Inquieta, tudo é motivo para escorregar da mente e transcrever, poeticamente, com a ponta dos dedos. Possui dois livros: *Você é Poema* e *Delícias do Cotidiano & Temperos Poéticos*. Voluntária do Projeto “Histórias por Telefone” da Secretaria de Estado de Cultura. Colunistas dos Jornais: “Nosso Bairro Jacarepaguá” e “Vai Paraty”. Idealizadora dos projetos: Projeto Poesia, um presente!; Dando Vozes e Conversa de Versos.

([instagram.com/dandovozes](https://www.instagram.com/dandovozes) e [instagram.com/crisavilaescritora](https://www.instagram.com/crisavilaescritora))



Sujeito

Eu não sou o capitalismo.

Eu não sou o analfabetismo.

Eu não sei o que é esse tal de “ana...analfabeto”.

Eu sou o Beto.

Eu tenho nome e sobrenome.

Eu sou o Roberto,

Da Silva!

Temos Marias e Firminas,

Mães pobres e granfinas.

Só perdemos um tempo

Para colocar na casa um alimento.

Foi ai que me atrasei porque tive que trazer o sustento

E hoje tenho que pagar,

Sem saber o quê.

Sem chance..

Mas será que eu terei que pedir uma chance para ter

O meu direito

Senhor “perfeito” (prefeito)?

Eu não sou um sujeito, sou O sujeito.

E ainda tenho que receber o rótulo de excluído

Eu não sou bandido...

Dualidade

Céu e inferno,
Bem e mal,
Maniqueísmo.

O bem e o mal está dentro de nós: céu e inferno.
Todos nós temos luz e sombra: bem e mal.
Há o duelo: maniqueísmo.

E você sabe o que é o bem e o mal?
Saberás quando refletires sobre a moral...
Distinguindo a lei natural.

Se Deus é pura bondade de onde surgiu o mal?
Surgiu quando o homem se colocou na frente dele (Deus).
Tem orgulho, tem vaidade e tolice.
O homem ainda está na meninice.

Amadurecer é o lema.
“Virar o jogo”, o tema.
Não ser egoísta.
Deixar de lado o maniqueísta.

ALFARRÁBIOS

Oportunidade para crescer

E aprender a escolher.

Quem tem o poder de decidir é você.

...entre o bem e o mal, querer...

CRIS AVILA



ALFARRÁBIOS

ELIANE PANTOJA VAIDYA



Nasci em São Luis, MA há muitos séculos atrás. sobrevivo de persistência e foco. a poesia que se manifestou muito cedo era deslumbrante sempre soube que tinha sido escritora em vidas passadas. Descobri dentro de mim, um guitarrista que toca músicas desesperadas.e vive só para sua Arte. eu sigo, e um dia irei embora com ele.



CANTO 1

O poema é o ritmo sacro
E a música que tocam as sereias
O estando Ulisses amarrado ao mastro de seus desejos
E Afrodite cantando sua música universal
Pública pública
Santa e sacrossanta
Nos becos e nas vielas
Nas naus catarinetas de outrora agora
O poema e um verso solto
Uma fagulha ardente que não dói
Ou dói demais e a mente amante entorpecida
Sonhadora vagamente consciente assim
Consorte consente contente
Neste emaranhado de nós, atados nós
De três ou quatro ou seis
Crianças e mais infantes binvenidos.
Isso não aceito! – gritou sua voz silente
Que queria mesmo amarrado calado comandar
Os ventos
E o mar bramia urrava em cata-ventos moinhos
E lá ia D. Quixote tomar sua taça de vinho e

ALFARRÁBIOS

ELIANE PANTOJA VAIDYA

Amar Dulcinéia por suposto meiga e fera
Mas que sabia domar a fera que ele era
Depois volvia ao mastro acorrentado
E enfrentava a fera outra mulher
Que das ilhas Afortunadas
Lhe gritava
Ulisses toma cuidado! Os leões rondam
Pacifistas
Só na Áustria Idelweiss
— esqueça os terrores minha flor — volvia ele
Fique firme Idelweiss jamais, jamais
Ela tremia soluçava em leito frio a falta que ele
Lhe fazia
Era Penélope acorrentada à Ítaca
Era diomene atirada pelo acaso
Ao mar da vida Tenebroso.

ALFARRÁBIOS



JORDÃO PABLO DE PÃO

Escritor, Pesquisador de Memória Literária e Professor de Literatura. Autor de “Café Quente” (2019) e “O Mar do Meu Velho” (2018). Já contribuiu diversas vezes com “Alfarrábios”, a partir de experiências de técnicas de escrita, da temática social e da denúncia da vivência LGB-

TQIA+. Membro Titular da Academia Niteroiense de Letras. Diretor da Biblioteca Guaracy de Albuquerque Souto Mayor (Niterói, RJ). Coordenador Geral da Fundação de Arte de Niterói (RJ).

Contato: jordaopablo@gmail.com.



Cotidiano

Dia normal, que saco ir para a escola! O menino, cara de tédio, tranca sua casa e se manda para o asfalto. Logo na frente, encontra dois caras com fuzis em punho - dia normal numa favela do Rio de Janeiro. Cumprimento de cabeça, respeito necessário. Na última ladeira, começa o insólito para nosso protagonista: tiro de todos os lados, a polícia deve ter invadido o morro. Morando aqui está ficando cada vez mais... Opa! Um projétil quase atinge o menino. Atira-se ao chão, mãos sobre a cabeça. Balas perdidas já levaram seu pai, seu tio e seu melhor amigo. O traficante assassínio aponta para aquele menor, confunde com seu rival. Atira sem piedade ou verificação. Termina a confusão, briga pelo comando em verdade. Mais um nome para a lista de vítimas quase indigentes, que ainda hoje cresce vertiginosamente nas comunidades do Rio.



Alimente

a mão estendida do menino ainda ingênuo
se estende em sua direção
moço, um trocado
moço, um retrato em preto e branco
deste rosto que passa pela janela do seu automóvel
olhe nos olhos, busque os vincos da minha pele mal trata-
da
e olhe como a um mapa
mas não deixe de ver a imagem disponível
em resolução real das suas vistas gastas, cansadas de ser
pareço grosseiro?
pode ter certeza: não conhece a vida que tenho
não rotule a minha necessidade de paz, de descanso
vivo da moeda que ontem rolou do seu bolso e escolheu
esquecer
o dinheiro minguado de sua boa ação é minha única opção
nem adianta reclamar, não tem mas
você não me daria um emprego, daria?
você não criaria uma cidade para o “meu” tipo de gente,
criaria?
o problema não está em mim, mas em você

Ferro Quente

Não pressione sobre minha pele.
Suas marcas são incontornáveis.
Deixe para nós o que se descortinou
Dos arroubos de suas paixões,
Das aflições do que não deu certo,
Dos dias festivos em companhia.
Ver a sua face torta naquela tarde
Não foi o que eu esperava:
Da sua mão, a continuidade.
Outro corpo,
Outra pele,
Não era eu.
Meus olhos queimaram
Sabia que nunca teria volta.



CORPUS

Tudo em si é uma ferramenta de luta, de expressão, de condução à sua verdade tão íntima que seria injusto julgar o seu interior por uma aparência, um trejeito, uma mão que desmunheca demais. Miranda, que seria? Uma das muitas enfeitadas nesta grande roda de ser, rainha por excelência. Balangandãs e adornos, tudo tão seu em meia-pata. A mesma que colocou um presidente contra a parede e levou seus batutas para o Tio Sam. Um corpo inequívoco, um corpo todo dela. Aquela mulher não só traz em seu discurso, em seu ato, em sua postura uma defesa. Ela é.

O choque de um continente se externaliza na constatação inequívoca de que a lógica tupinambá é hoje. Na naturalidade de quem apenas ama, a comunidade vai se articulando, reconhece no corpo próximo o desejo lascivo de posse e de amor. Os índios nossos são Carmen, são Ney, são Renato, repercussões tão entranhadas na nossa forma de ver o mundo que não se faz da porta de casa um mitológico rito de passagem para a repreensão de quem se é. Fora do palco, na rotina que lateja, nos lombos açoitados com preconceitos, levar quem se é - isso é lucidez.

Aos poucos, vão-se conseguindo pequenas vitórias construídas pela militância esbravejadora de alguns, pela luta por detrás das letras legais de outros, pela existência plenas de significância das personalidades da comunidade. Como um movimento de mão ou de joelho, que, pequenuxo, vira onda, faz eco, põe fé. Se há um discurso a ser dito, este vem da alma, da oportunidade de ocupar um espaço que está à sua disposição, mas não necessariamente é seu, faz-se seu. A resistência do mundo ao que é LGBTQIA+ vem do

espelho difuso em que a heteronormatividade se vê. Nem adianta debater: a sexualidade é um caleidoscópio.

E aí vem todo aquele mantra, em que o corpo conservadoramente conhecido como instrumento do mal se aplica como matéria a ser ofendida, porém mais ofende: vem rosa e azul, vem vestidos para meninas, vem limitações só concebidas em um mundo que não existe, porque humano. O descontrole na contemporaneidade deve ser imenso: é tornozelo que aparece, é quadril que balança mais que a de Ipanema, é posse de quem se é. Isso é lindo, não? A gente se metamorfoseia. A gente, de verdade, é borboleta.



Matéria de jornal

um corpo estendido no chão, com cabeça alvejada e pom-
bos a se alimentarem
a pele chia sobre o asfalto quente demais desse tempo de
inícios na Cidade Maravilhosa
colocaram um fino lençol de pano de chão azul marinho
sobre as vergonhas
as veias estão expostas na pele caucasiana em demasia
arroxeadas, não se sabe se verdadeiramente falecidas
toca um tambor forte, é tempo de carnaval e, da Lavradio,
escuta-se um bloco
tum tum tum um tambor cada vez mais denso, mais pró-
ximo
o corpo inicia uma convulsão sacrílega, as pessoas levanta-
tam e o defunto dança
pelo caminho, a moça é levada como num cortejo, um
andor vivo - ou não
as mulheres se assustam com as revelações - não há mais
tecido
e a bateria do bloco segue logo atrás, no rastro vermelho
sobre chão cinza

JOSÉ ANTONIO DE CARVALHO E SILVA



ALFARRÁBIOS

Químico Industrial/ Engenheiro Industrial - M. Sc./Psicólogo Clínico/
Escritor/Conferencista



Conversa com o Vírus

Finalmente adormeceu, a madrugada de uma noite tormentosa já era chegada. Um sono intranquilo, agitando-se na cama. E começou uma sensação de uma leve ardência, uma sensação de formigamento percorria seu corpo. Opressão no peito. Despertou. Silêncio e escuridão em seu quarto. Salvo por um ponto luminoso postado sobre uma prateleira de sua estante, onde repousava uma vasta coletânea de livros sobre os mais diversos assuntos. Esfregou os olhos, concentrou sua atenção naquele ponto luminoso. Era algo em forma de uma grande semente de mamona, de cujos espinhos emanavam filamentos de luz. Estremeceu. Decerto era um pesadelo, um delírio, andava lendo demais sobre aquilo. E aquilo era o Vírus, o vírus que assolava a humanidade.

Transtornado, pergunta: - “Quem é você, sinistro ser que penetra a minha alcova durante a madrugada e me causa arrepios?” - “Sou o Vírus, responde, a semente.” - “Que vírus, o coronavírus?” - “Pode ser.” - “Como assim? Ou é ou não é”, contesta. - “Vocês, humanos, têm muitas certezas, as coisas têm que ser sempre muito definidas.” - “De onde você veio, para penetrar em minha alcova, e estar aí postado, enchendo-me de terror?” - “Vim do infinito, do eterno, faço parte da ordem natural das coisas.” - “Mas, quem é você?” - repetiu, angustiada o homem sobre sua cama. - “Novamente, a necessidade humana de classificação. Não sou, estou sendo. No momen-

to, um vírus; na Peste Bubônica da Idade Média, uma bactéria. Naquilo que vocês chamam de Gripe Espanhola, novamente um vírus. De quando em quando decido fazer uma visita ao seu mundo para mostrar a fragilidade e a soberba da raça humana.”

Ele delirava, com certeza delirava. Aquele diálogo não podia estar existindo. Procurou acalmar-se. Do ponto luminoso continuou a voz - “Veja. No momento em que eu estou assolando todos os recantos do planeta, não existe um consenso em relação ao que fazer para proteger-se de mim. Os seus mais ilustres cientistas divergem da maneira mais absoluta em sua orientação à população.” Prosseguiu: - “As pessoas, salvo em pouquíssimas sociedades, reagem de maneira desordenada, em total indisciplina, politizam uma questão que deveria ter uma abordagem puramente técnica. E os políticos são meus aliados. Isso facilita muito o meu trabalho de infectar.”

“Mas, já temos conhecimentos de sua forma de atuação, temos remédios, logo teremos vacinas. Você será exterminado”. - “Quanta tolice. Eu já disse: não sou, estou sendo. É puro pensamento ilusório julgar que uma vez infectada, a pessoa estará automaticamente imune para sempre. Posso transmutar-me, a vacina, ainda que funcione contra uma das minhas formas, de nada valerá contra uma futura mutação. E tem mais, prosseguiu a voz que vinha do brilho que emanava dos espinhos da semente de mamona, que tal essa torrente de sandices que vocês espalham sobre as vacinas? Elas fariam parte de um plano diabólico,

vão causar alterações genéticas, vão possibilitar o total controle sobre aqueles que a tomarem. Vocês adoram teorias da conspiração, nelas o homem, mesmo que da forma mais perversa, é o arquiteto, e está no controle. Não é nada disso, eu estou por aí, não estou a serviço de vocês, pobres humanos.”

E a voz prosseguiu: “Eu decidirei quando darei um tempo para vocês, em algum momento vou me cansar e colocar-me numa retaguarda a espera de um novo momento de ataque, até mesmo para promover controle populacional. Foi sempre assim, desde as pragas bíblicas. Vocês não aprendem, não sou o único responsável pelos genocídios. Não se esqueçam das duas grandes guerras mundiais, e das incontáveis outras guerras travadas ao longo de séculos, milênios, da violência cotidiana, da miséria, coisas sobre as quais eu não tive e nem tenho qualquer participação. A vocês foi dado o livre arbítrio, podem usá-lo para o bem ou para o mal, e devem arcar com as consequências. Mesmo diante de uma catástrofe não provocada pelo exercício de uma escolha humana, o livre arbítrio será exercido na lida de seus efeitos. “

Aquele discurso fazia sentido. O homem prestara atenção em cada uma daquelas palavras. Perguntou: “Como você acha que estamos lidando com esta pandemia?” – “Já respondi. De forma atabalhoada, desconexa, vitimista. Confundem tudo, se tornam presa fácil para mim, especialmente quando desprezam os conselhos mais básicos, como evitar aglomerações e o uso de máscaras. Não é que um psiquiatra aparece falando que as pessoas usando máscaras estão formando

uma sociedade esotérica, e que escondem seus rostos por vergonha? Pois eu lhe digo, humilde mortal, até porque a sua voz não será ouvida: o uso da máscara é, sim, muito importante para a prevenção, mesmo para aqueles que já receberam a minha visita. Atuarei, preferencialmente, sobre os descuidados, os que me subestimam.”

Continuou: “Vocês estão confusos, relacionam uma vastíssima lista de sintomas que podem denunciar a contaminação. Acabará que qualquer sinal emitido pelo corpo, e que passaria completamente despercebido numa situação normal, os levará a ingerir uma batelada de fármacos ou mesmo a uma ida a um hospital. Eu atuarei sobre cada um de vocês de uma forma que eu decidirei, mais branda para uns, mais contundente para outros, fatal para outros mais. Preocupação exagerada de nada adiantará, levará vocês à depressão, à elevados níveis de estresse, à paranoia.”

O homem já ouvira o suficiente. Armandose de coragem, perguntou: “E quanto a mim, você vai me contaminar?” – “Não sei, gosto de ser imprevisível para mim mesmo”, foi a resposta final do Vírus. O homem levantou-se, acendeu a luz, e já não havia qualquer sinal da semente de mamona e de sua luminescência sobre a sua estante de livros.





Prof. Titular aposentado da UENF (Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro), no interior do Estado do Rio

JOSÉ GLAUCO RIBEIRO TOSTES

PRÉ-PANDEMIA: LIBERAIS, SOCIALISTAS E ILUMINISMO ATÉ 2019

JOSÉ GLAUCO RIBEIRO TOSTES

A conjuntura mundial até o final de 2019 foi uma coisa. 2020, que revirou de cabeça para baixo toda essa conjuntura, via PANDEMIA DO COVID19, foi outra. E também, embora bem mais levemente, revirou também politicamente a mesma conjuntura, devido a derrota no final de 2020, do líder D. TRUMP (líder desde novembro de 2016 até novembro de 2020) da segunda grande onda da extrema direita ocidental, dentro de cerca de 100 anos de história de duas grandes dessas ondas: aquela do período do entreguerras europeu e da atual onda em curso, de que estamos falando, desde início do séc. XXI.

No presente trabalho objetivamos: (a) analisar a conjuntura político-econômica pré-pandêmica que engloba um conjunto impreciso de um punhado de anos anteriores, mas que vão precisamente até o fim de 2019 e ao mesmo tempo (b) buscar auxílio em alguns poucos elementos históricos que remontam até à segunda metade do séc. XVIII europeu: o ILUMINISMO da ciência, da técnica e do Estado laico, do Humanismo da democracia bifrontal (a liberal representativa dos pais fundadores ingleses do séc. XVII e a participativa francesa de Rosseau do XVIII, um esboço *avant la lettre* do “ideal” comunista do séc. XIX), do Humanismo da primeira “cidadania”, a cidadania *burguesa* dos “direitos civis” (séc. XVIII), que antecede a segunda cidadania, *burguesa*, dos “direitos políticos” do séc. XIX e a terceira, dos “direitos socioeconômicos” do séc. XX, sob influência da Revolução *socialista* de 1917, uma influência “civilizadora” da esquerda sobre o capitalismo, ao longo do séc. XX. Aí, no Iluminismo datado do séc. XVIII, é que vamos encontrar um fundamento moderno por excelência para um “ideal” que já vinha antes permeando, de modo cambiante, a história ocidental: o ideal de uma CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL, com uma identidade que supostamente a distinguiria de todas as outras civilizações na história da sociedade humana, que estaria destinada a “iluminar” a todas essas outras.

FIM DO ILUMINISMO NO CAMPO DO CAPITALISMO LIBERAL? Argumentos liberais e argumentos socialistas

1.O *socialista* T. PATTERSON (“A INVENÇÃO DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL”, 2007) assinala convincentemente a reconstrução burguesa-iluminista (2ª metade do séc. XVIII) do conceito de “CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL”. Circularmente, o Iluminismo se quer como uma ponta avançada moderna de tal “civilização” que ele próprio – isto é, sua burguesia – teria (re)inventado. É esse conceito que ainda não só alimentou, desde o séc. XIX, o imaginário de MARX (“a ideologia é como um éter que banha a civilização”) mas ainda alimenta em alguma medida nossa imaginação no séc. XXI.

2.O *socialista* e historiador E. HOBBSAWM (“A ERA DOS EXTREMOS”, 1994), numa posição não incomum entre historiadores, defende que o Iluminismo do séc. XVIII foi o tronco civilizatório **comum** entre capitalismo e marxismo no séc. XIX e afinal entre capitalismo (ou liberal-capitalismo) e socialismo ao longo da história do séc. XX. Essa “interpenetração” entre os dois sistemas não é estranha à própria filosofia **dialética** (materialista) que marxistas – as vezes real, as vezes mais aparentemente – adotam: vide em ENGELS (“ANTI-DUHRING”, 1878): a “lei - seria melhor ‘PRINCÍPIO’ - da INTERPENETRAÇÃO DOS OPOSTOS: PIO). Outros autores também reconhecem esse traço **comum**: “[A] filosofia positiva da técnica é inseparavelmente vinculada com a filosofia do progresso, tanto de cunho burguês-liberal, como de cunho marxista. As duas vertentes, enquanto **herdeiros do iluminismo europeu** do séc. XVIII...”, F. J. BRUSEKE, “ÉTICA E TÉCNICA?”, 2005). Leitura atenta de HOBBSAWM revela que ele defende que o CAPITALISMO hegemônico e industrial vai-se desfazendo de quando em quando das tradições ou “vestes humanistas” dos seus pais (iluministas) fundadores ingleses do séc. XVIII e de outros intelectuais iluministas posteriores, na medida em que elas se tornam óbices à acumulação de capital.

3.Curiosamente o famoso *liberal-capitalista* e um dos maiores estrategistas geopolíticos do séc. XX, H. KISSINGER (“HOW ENLIGHTENMENT ENDS”, 2018), apesar das mãos sujas de sangue vietnamita, defende que estaria havendo a perda do autêntico Iluminismo (Humanista) do séc. XVIII, particularmente na atual questão tecnológica da Inteligência Artificial [IA]. Kissinger possui uma sólida visão panorâmica da CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL e inclusive de parte ao menos das CIVILIZAÇÕES ORIENTAIS: veja-se, por exemplo, o seu texto ON CHINA (2012).

Pode-se, porém rastrear ao menos alguma influência de um ANTI-ILUMINISTA famoso na formação intelectual de KISSINGER, na área da história: O. SPENGLER (“O DECLÍNIO DO OCIDENTE”, 1918; 1922). É o que argumenta Y. HUI (“WHAT BEGINS AFTER THE END OF ENLIGHTENMENT?”, 2019), uma crítica ao trabalho citado acima de KISSINGER: “[Spengler] was the subject of [Kissinger’s] honors thesis

at Harvard. Titled “The Meaning of History: Reflections on **Spengler**, Toynbee and Kant”, the thesis focused on determinism and freedom in history, following Spengler’s description of history as na **organic** process”. Esta abordagem “orgânica” da história é tipicamente anti-iluminista, escapando da história progressista liberal-iluminista, segundo o liberal A. HERMAN (A IDEIA DE DECADÊNCIA NA HISTÓRIA OCIDENTAL, 1997). HUI argumenta que Kissinger ainda apelaria no seu artigo acima citado para aquela concepção spengleriana NÃO liberal de história. Apesar de tudo isso Kissinger costuma ser rotulado como “liberal”.

4.O *socialista* I. MESZAROS (“PARA ALÉM DO CAPITAL”, 1995) presuppõe, a partir de ROSA LUXEMBURGO, a direção histórica (indeterminista) da bifurcação “socialismo ou barbárie” como o horizonte pós-capitalista. Segundo MESZAROS, a partir de sua sofisticada teoria histórica multimilenar sobre o “capital”, até o atual estágio do capitalismo industrial, teria tido no metabolismo homem-natureza (**trabalho**) seu centro de avanço civilizacional (Marx, segundo MESZAROS, ainda acreditava na perenidade linear desse avanço). Porém a partir da resposta capitalista à crise de 1929, Meszaros crê que mesmo esse laço de civilização é contingente. O capitalismo instaurou a partir dos anos 1930 o que ele denomina de “**produção destrutiva**”, claramente **anti-civilizatória**, no que diz respeito ao trabalho humano nessa perspectiva destrutiva. Algo imprecisamente, também poderíamos aqui usar o termo **anti-iluminista**.

Voltando a trajetória de longuíssimo curso do capital, o capitalismo – o estágio atual e mais avançado do capital – teria atingido **historicamente** os seus quatro “limites **absolutos**” (limites **lógicos**) por volta do final dos anos 1960. Segundo MESZAROS, a partir daí o capitalismo encontra-se numa CRISE ESTRUTURAL GLOBAL que se caracteriza por um lento e incontrolável – irreversível – declínio linear que ele denomina de *depresso continuo*, não mais sujeito a revoluções anti-capitalistas (“picos de energia política”), sem prazo para acabar. Um curioso e paradoxal conceito de uma “crise interminável” apontando para um horizonte de barbárie, a menos que se instale o socialismo. Seria incongruente falar-se em algum estágio que lembre um “pro-

gresso iluminista” neste suposto curso de depressão contínua, a não ser que se instale esse qualitativamente novo estágio civilizacional e universal socialista. Adiante veremos que nesses cerca de 50 anos (1970-2020) muita água correu debaixo da ponte da história, particularmente ciclos expansivos – ao menos localizados numa parte do planeta – do capitalismo. A história não parece sustentar a tese do “capitalismo depressivo” (em sua crise estrutural) de MESZAROS.

CAPITALISMO LIBERAL ILUMINISTA EM EXPANSÃO SUSTENTÁVEL? Argumento liberal

5. O *liberal* e “think tank”, S. PINKER, publicou recentemente (“ENLIGHTENMENT NOW: the case for Reason, Science, Humanism and Progress, 2018; “O NOVO ILUMINISMO: em defesa da razão, da ciência e do humanismo”, 2018; a tradução portuguesa do título está inapropriada). Temos que reconhecer que o Iluminismo do autor contempla tanto as **tecnociências** como as **humanidades**. O livro apresenta facetas notáveis que não aparecem tanto quando se olha para

ele apenas pelo viés esperado da **economia política**. Onde o outro grande par, **filosofia-ciência**, recebe atenção de PINKER? Quando ele (a) ainda no começo do livro, fala sobre CIÊNCIA pelo ângulo das **ciências naturais**, particularmente da BIOLOGIA e da TERMODINÂMICA, não pelo ângulo mais tradicional da FÍSICA, em outras palavras, pelo ângulo do NOVO pensamento da ciência (atravessando, transdisciplinarmente, um certo conjunto de novas teorias) centrado historicamente na BIOLOGIA, mas espalhando-se por TODAS as outras áreas do conhecimento: é o pensamento **sistêmico** ou da **complexidade**; e quando ele (b) fala sobre FILOSOFIA (área das Humanidades), mais pelo meio do livro; ele o faz pelo ângulo da LÓGICA, ecoando as raízes da razão ocidental no seu ponto chave de inflexão das “Duas Lógicas” (cerca de 500 AC: Parmênides e Heráclito) e que nós chamamos hoje de “**Lógica Analítica**” e “**Lógica Dialética**”. Compreensivelmente, pelo viés ideológico, PINKER segue em filosofia apenas pela trilha analítica, jamais pela trilha dialética, mesmo quando, em última instância

julgamos que as duas lógicas estão na raiz histórica da própria **razão ocidental**.

Vamos agora ao viés da economia política em PINKER. Começemos pela política subsidiada pela economia (lembremos: trata-se aqui do *capitalismo* [economia] *liberal* [política]). (a) **Por que**, em 2018, um pensador americano “top” sai em defesa, em livro de 700 páginas, do ILUMINISMO? Resposta: porque tal defesa mira o ANTI-ILUMINISMO da EXTREMA DIREITA em curso no seu segundo ciclo ocidental nos últimos cerca de cem anos, que esteve até há pouco sob liderança efetiva do então presidente TRUMP. E (b) **como** ele atua na defesa obsessiva do Iluminismo? Ele atua nessa defesa mostrando relações causais entre as raízes político-econômico-culturais iluministas e o advento do monumental CAPITALISMO INDUSTRIAL E LIBERAL, motor – segundo PINKER – desde o séc. XIX de uma enorme expansão **produtiva** planetária que ainda sustentaria uma marcha de **progresso** – econômico e ético – crescente naquela escala de tempo bicentenária, para grande fração da humanidade.

Passemos agora ao nível mais direto e **crítico** da economia otimista de PINKER. Sejamos justos. Já há no próprio autor um primeiro viés crítico quando ele trata do atualíssimo tema da DESIGUALDADE SÓCIO-ECONÔMICA MUNDIAL no sistema capitalista. Ele reconhece como **inevitável** a geração de tal desigualdade pelo **próprio** sistema. Esse seria um “custo” intrínseco, endógeno, da desigualdade gerada durante o processo de desenvolvimento econômico pelo motor capitalista. Mas ele contrapõe a esse lado negativo, o enorme **motor** de progresso – econômico e ético – para grandes massas da humanidade que representa a geração dessa **mesma** desigualdade, principal e crescentemente em termos planetários em cerca dos últimos duzentos anos. Esse seria o “benefício” de tal desigualdade. PINKER tenta argumentar que o balanço “custo/benefício” dessa desigualdade teria sido mais do que vantajoso para vastas frações da população mundial.

Aqui, precisamente no ponto acima, é que PINKER tem recebido críticas históricas sofisticadas: (1) J. HICKEL, *antropólogo* (NO VIVIMOS MÁS E MEJOR GRACIAS AL CAPITALISMO, SINO A POLÍTICAS PÚBLICAS

PROGRESISTAS, 2019): “La narrativa predominante considera que el capitalismo fue una fuerza progresista que puso fin a la servidumbre y desencadenó un notable aumento de nivel de vida. Es un cuento de hadas: la democracia, los sindicatos, la salud pública y la educación son los factores que realmente importan. El progreso en la esperanza de vida han sido impulsado por movimientos políticos progresistas que han aprovechado los recursos para crear bienes públicos”.

(2) J. RISKIN, *historiadora* (PINKER’S POLLYANNISH PHILOSOPHY AND ITS PERFDIOUS POLITICS, 2018). Riskin vai, com muito mais detalhes históricos, na linha acima de Hicckel. O título do artigo já na saída é bem áspero com PINKER.

Pode-se tomar estas duas análises mais as referências citadas nelas como um forte ataque às supostas “vantagens” de desigualdade social (para grandes massas de trabalhadores) sobre suas “desvantagens” (a brutalíssima concentração de renda na mão de pouquíssima gente bem no leme do motor capitalista).

FECHANDO O MUNDO PRÉ-PANDÊMICO: NEM MESZAROS, NEM PINKER; MAS SIM MARX (1850, 1858) / MILANOVIC (2012)

Vimos acima o choque entre os pensamentos do socialista MESZAROS e o liberal PINKER quanto ao *status* do capitalismo, tomando-se algo arbitrariamente os anos 1970 como ponto de partida e que poderia ser esticado até o **fim de 2019**. Fazemos uma brevíssima síntese desses dois pensamentos:

MESZAROS (1995). **Crise estrutural geral** do capital em curso desde o fim dos anos 1960, sob a forma de um declínio contínuo e irreversível. Não parece ter essencialmente mudado essa posição até sua morte em 01/10/2017. A disjuntiva ou bifurcação de ROSA LUXEMBURGO: “socialismo ou barbárie”, seria o que restaria, para MESZAROS, à frente como desenlace – não determinista – desta crise. Este desenlace elimina o final simples, único, de um clássico **determinismo** revolucionário do séc. XIX.

PINKER (2018). O sistema capitalista, mantém-se em sustentável **expansão** produtiva (ou crescimento da **economia** real), já tendo alcançado até aqui larga parte do planeta, associada a uma **expansão** da estabilidade **política** e da **segurança** pessoal contra violências, também alcançadas em largas partes do planeta. O “resto” seria, para PINKER, apenas um bando de “incorrigíveis” intelectuais pessimistas... liberais e socialistas. A “inevitável”, admitida pelo próprio PINKER, geração capitalista de desigualdade social via brutal concentração de riqueza/renda por uma extremamente pequena fração da humanidade seria mais do que compensada pelos benefícios que a mesma desigualdade vem **crecientemente** trazendo para a humanidade, desde, principalmente, o ILUMINISMO do séc. XVIII, “ideia” essa que não parece ter fim no horizonte futuro de PINKER (por isso título em português do livro de PINKER, “O NOVO ILUMINISMO”, está incorreto: não há **novo** Iluminismo, e sim um Iluminismo **perene** em PINKER).

Indo além dessa contenda entre os dois extremos, a saber, MESZAROS (1995; crise estrutural **global** e irreversível do capitalismo: pelo menos até 2019) e PINKER (2018; expansão produtiva e progresso econômico/ético **global** do capitalismo: pelo menos até 2019), indo (repetimos) na contramão de ambos os extremos, emergiu um novo desvio do capitalismo em cerca dos seus últimos vinte e cinco anos quando a hegemonia absoluta capitalista ocidental – euro-americana, do lado de cá, do ATLÂNTICO – começa a ser quebrada com a emergência de uma potência “oriental” (não existe “oriente, mas sim “orientes”), e que acabou levando a um capitalismo **bifacetado** (uma face do lado do Atlântico, mais próxima do extremo de MESZAROS, outra face DIFERENTE do lado do Pacífico, mais próxima do extremo de PINKER: vide logo adiante) em termos econômicos, principalmente, **pelo menos até 2019**.

Curiosamente começamos com uma incrível “previsão” – feita há 170 anos – sobre o futuro do capitalismo num certo estágio mais avançado do seu desenvolvimento – “previsão” não datada pelos seus autores, MARX e ENGELS – que poderia ser aplicada, ao menos com certo grau parcial de adequação, às conjunturas anuais **bifacetadas**

do capitalismo desde os primórdios do séc. XXI até 2019. Feita há cerca de 170 anos, essa “previsão” já vinha se desenhando no horizonte geopolítico do planeta desde pelo menos meados dos anos 1990. Vejamos tal “previsão”.

MARX e ENGELS (1850) e MARX (1858). Nestas duas referências argumenta-se, privilegiando o polo “material” (**econômico**) da história da sociedade humana, que aconteceu ao longo do séc. XVI um monumental processo europeu de mudança de bacia oceânica: a partir do “pequeno oceano” medieval do MEDITERRÂNEO em direção ao “imenso oceano” ATLÂNTICO e às Américas, mudança que, segundo os dois autores, viu **nascer** o capitalismo. E, acrescentamos, viu nascer a ciência moderna. Os mesmos autores foram capazes de **prever**, sem fixar datas, em seus traços gerais, uma nova e monumental segunda mudança de bacia oceânica, que está em pleno curso **atualmente**. Agora da bacia oceânica do ATLÂNTICO (esfera da hegemonia econômica da costa Leste dos **EUA** e de grandes potências capitalistas **européias**) para a bacia do PACÍFICO (esfera econômica da **China** e da costa Oeste dos **EUA**). Este seria um exemplo do que o próprio MARX chamou no seu “O CAPITAL” de “desenvolvimento desigual, mas combinado” do capitalismo industrial desde o séc. XIX. Uma espécie de “gangorra”: no caso de tal segunda grande mudança de bacia oceânica, para MARX e ENGELS, uma potência ou agregado de potências **desce** economicamente em tal gangorra metafórica (**EUA**, ao menos em parte, e as grandes potências **européias**), ao mesmo tempo que, na **subida** articulada (“combinada”) da outra metade da gangorra, outra potência expande-se/desenvolve-se economicamente nas suas “forças produtivas” (**China**). Esta segunda mudança de bacia pode (MARX, 1858) empurrar o capitalismo – por exato contraste com a primeira do séc. XVI – ao seu **fim** (MARX não explica esse possível desenlace) esgotando-se o mecanismo dinâmico de gangorras. Não trataremos aqui desse “fim”. Naquela segunda mudança ocorreria então um cenário “**intermediário**” entre os dois extremos de crises/estagnações **globais** e de expansões **globais** do capitalismo: é o que chamamos acima de capitalismo bifacetado: (a) um capitalismo decadente ou estagnado do lado da bacia do Atlântico e (b) um capitalismo em plena expansão produtiva do lado de lá da bacia do Pacífico.

Passemos agora para o mundo capitalista do início do séc. XXI até pelo menos 2019. Temos aí um cenário que possui semelhanças bastante contundentes com aquele cenário “intermediário” de MARX e ENGELS.

MILANOVIC (2012 e artigos/livros posteriores até 2019). O economista B. MILANOVIC (2012 etc.), com sua já mundialmente famosa “CURVA DO ELEFANTE”, também acaba trabalhando em cenário que lembra o “desenvolvimento desigual, mas combinado” do capitalismo de MARX, uma espécie de “gangorra” econômica entre países ou aglomerado de países. Nesta curva, **(a)** deixemos entre parênteses a enorme e praticamente vertical “tromba do elefante” na extremidade direita da curva, que abarca uma fração extremamente minúscula da humanidade. Curiosamente essa pequeníssima “ilha” de super ricos acumula/concentra vasta parte da riqueza mundial, que é o motor da enorme DESIGUALDADE SÓCIOECONÔMICA planetária (vista acima quando analisamos PINKER), área onde MILANOVIC se destaca. Passemos à grande massa trabalhadora do planeta que abrange da ordem de mais de 99% daquela curva. **(b)** Na metade à esquerda da curva, partindo da origem (fração inicial dos miseráveis) a curva vai-se elevando até atingir o topo da “corcova do elefante”. Nessa região em torno desse topo tem-se a predominância da CHINA e dos países economicamente atrelados ao desenvolvimento chinês no Extremo Oriente no que se refere ao forte **crescimento da massa salarial do trabalho** (entre 1998 e 2008) no artigo (2012) de MILANOVIC. É a parte ascendente da “gangorra” econômica: o crescimento do PIB anual **chinês** era, **ao menos até 2019**, a maior alavanca do PIB anual mundial. Temos aí então uma parte do capitalismo (do lado de lá do planeta, o lado chinês da bacia do PACÍFICO) em franca EXPANSÃO PRODUTIVA/CUMULATIVA de capital. Nesse lado do planeta a análise de MESZAROS de uma crise estrutural **mundial** do capital é contraditada. **(c)** Passemos agora para a metade à direita da curva de MILANOVIC que decai até atingir um “fundo de poço” (onde praticamente de 1988 a 2008 tem-se a **estagnação** de ausência de crescimento da massa salarial principalmente nas classes médias dos países **desenvolvidos** do lado da bacia do ATLÂNTICO) e depois se eleva novamente. Agora é desse lado do planeta que tende a falhar a

análise de PINKER de uma expansão **mundial** do capital.

Hoje já se tem mapeada com mais clareza as raízes de tal ESTAGNAÇÃO SALARIAL nos países desenvolvidos do lado ocidental ou da bacia do ATLÂNTICO: ela teria ocorrido na passagem do final do agonizante WELFARE STATE para o NEOLIBERALISMO, sob a batuta Thatcher-Reagan a partir do início dos anos 1980, que levou o capital **produtivo** (economia real) a ficar a reboque do capital **financeiro** em cerca dos últimos quarenta anos.

*Que artigos deveriam complementar este aqui? (1) um estudo da segunda onda da EXTREMA DIREITA nestes primeiros vinte anos do séc. XXI, **até 2019**. (2) um estudo da conjuntura global da PANDEMIA-**2020** e de seus desdobramentos político-econômicos. (3) Tentativa de mapear tendências para **2021**, particularmente a tendência do fim da própria pandemia nesse mesmo ano (fim esse que ainda não está assegurado, sequer) e as tendências da China continuar ou parar de ser a alavanca do PIB mundial e do capitalismo norte-americano recomeçar a crescer depois dos enormes gastos emergenciais com a PANDEMIA em parte ao menos na contramão da acumulação de capital, tal como previsto pelo historiador liberal de Stanford, W. SCHEIDEL (2017). (4) Finalmente avaliar o desastre brasileiro: será ele **definitivo** ou “apenas” será muito longa sua extensão neste século até por volta de 2050?



ALFARRÁBIOS

JOYCE KELLY



Natural do Rio de Janeiro – Santa Cruz, cantora, compositora, poeta, locutora e faz parte dos ARTEIROS (Um grupo de músicos, poetas, cantores, compositores e produtores musicais que criam conteúdos juntos e se apoiam na área musical). Tem algumas parcerias onde musica poemas de alguns poetas pelo Brasil a fora. Uma longa caminhada na estrada da música com um repertório que está no canal do YouTube e em sua página do Instagram.

Participou do Fanzine ALFARRÁBIOS edição XVIII (edição de aniversário) – Ed: Armazém de Quinquilharias e Utopias.

Redes Sociais

Instagram - @joycekellyoficial

@arteirosarteiros

Facebook – Joyce Kelly

You tube – <https://m.youtube.com/channel/UNCa4IE>



I.

Se num cálice, pudesse beber as minhas
amarguras

Estaria me afundando em vícios, sem nada me acrescentar.

Se neste mesmo cálice fosse provado toda história de
minha vida, poderia sentir, perceber, que mais doce foi
do que o amargo que experimentei.

Saberia que nele estariam pequenas doses de tristezas ,
em

Litros de experiências incríveis.

Uma pitada de arrependimento, que dentro de um mundo

de tentativas não se sentiria o gosto.

Gosto bom é o de viver, viver intensamente, sem medo,
sem culpa...

Juntos tornam-se ingredientes essenciais.

Quero é mais me afogar em toda essa mistura, que desfrutei ao

longo de minha vida e por fim poder saborear tudo aquilo
que acrescentei.

II.

Solar que assola meu amanhecer
Luz que irradia o alvorecer
Brilho, que a vida gerou
Laço eterno de amor
Palavras que soam como esperança
Seu nome tudo significa
Sol que da luz a quem vê
Difícil não perceber
Perfeito nome dado a você
Mas todos os bons, são frágeis por dentro
Poucos sabem de seus sentimentos
A força que há dentro de ti
Recarrega o que tem dentro de mim.
Somente sol...
Só? Nunca será.

III.

E de repente a gente vive
Como se não houvesse amanhã
As horas passam e a gente sente
Que não dá pra esquecer, o que passou
Reescrever a história é difícil,
Páginas em branco nos obriga.

Lembranças acendem meu coração que
Com o tempo se apagou
A gente percebe que sempre tem espaço para
Um pouco mais...
Mais da vida
Mais de tudo...
Nos apressamos por tudo e esquecemos detalhes,
Esses que farão diferença
E que diferença!
Simples se torna caro
E o caro supérfluo!

IV.

O que somos afinal?
Gota em um copo ou em oceano?
Somos razão ou sentimento?
Certo ou errado?
O que somos me diga?
Por que eu mesma, não sei!
Perguntas sem respostas que me assombam.
Por que temos que ter referências, porque
não somos ÚNICOS?
Não há o que escolher, simples!
Ser, apenas!

V.

Você vem com esse olhar faminto
Me despindo, dos pés a cabeça...

Não me controlo e nem tento,
Me sinto devorada, de fora para dentro...

Você sabe o que quer,
E eu me entrego,
Sem medo,
Sem receio,
Vem você com esse seu jeito

De me deixar louca,
Que roupa?
Nem lembro!
De me deixar perdida,
Perdidamente...

Sua, nua, e tudo mais que desejar
Nessa perdição, nem quero me encontrar.

VI.

O sorriso que se estampa na cara,
Se esconde o que não sara,
E transborda de esperança o que se acha perdido.
Qual o sentido da vida? Sentido norte ou sul,
Sentido, sentir numa rota de encontros e desencontros,
Limitados a um único ponto...
Seria chegada? Um fim?
Que nada! Faz círculos, esse mesmo que
traz de volta aquilo que se perdeu ou se acha o que
Gostaria de ter perdido.
O que no final das contas dará um jeito de ficar
frente a frente com aquilo que ainda precisa entender ou
aprender.
Tornar “sentido” aquele sorriso, seja ele sincero ou sofrido.
Que se transforma no que tem que ser desde o princípio.



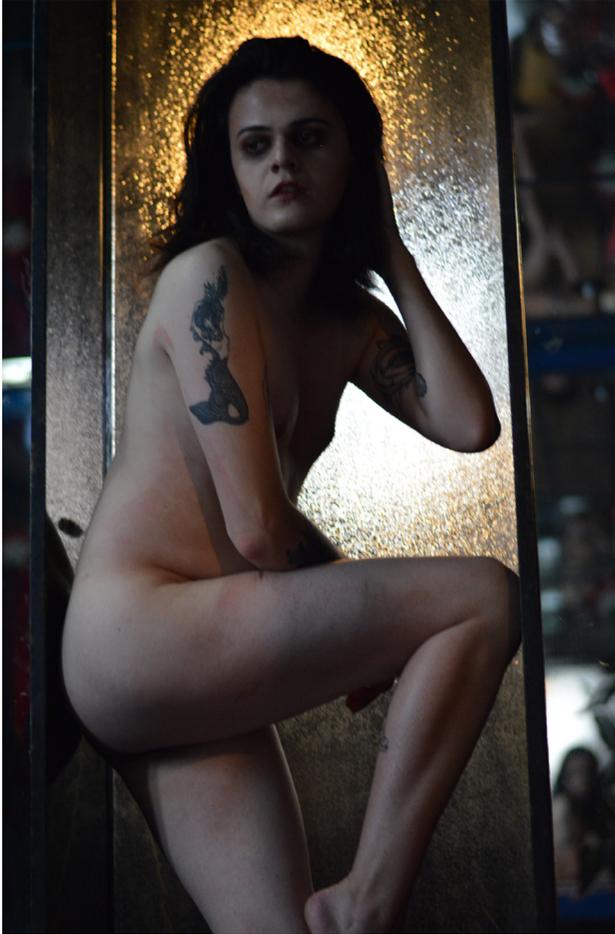


Artista visual usando como meios a fotografia, pintura e instalações, Paulo Jorge Gonçalves investe na temática do corpo. Formado em pedagogia, arte educação e arte terapia, dedicou sua vida a arte e ao ensino, principalmente com crianças, despertando neles a primeira fase da criatividade e o pensar fora de padrões.

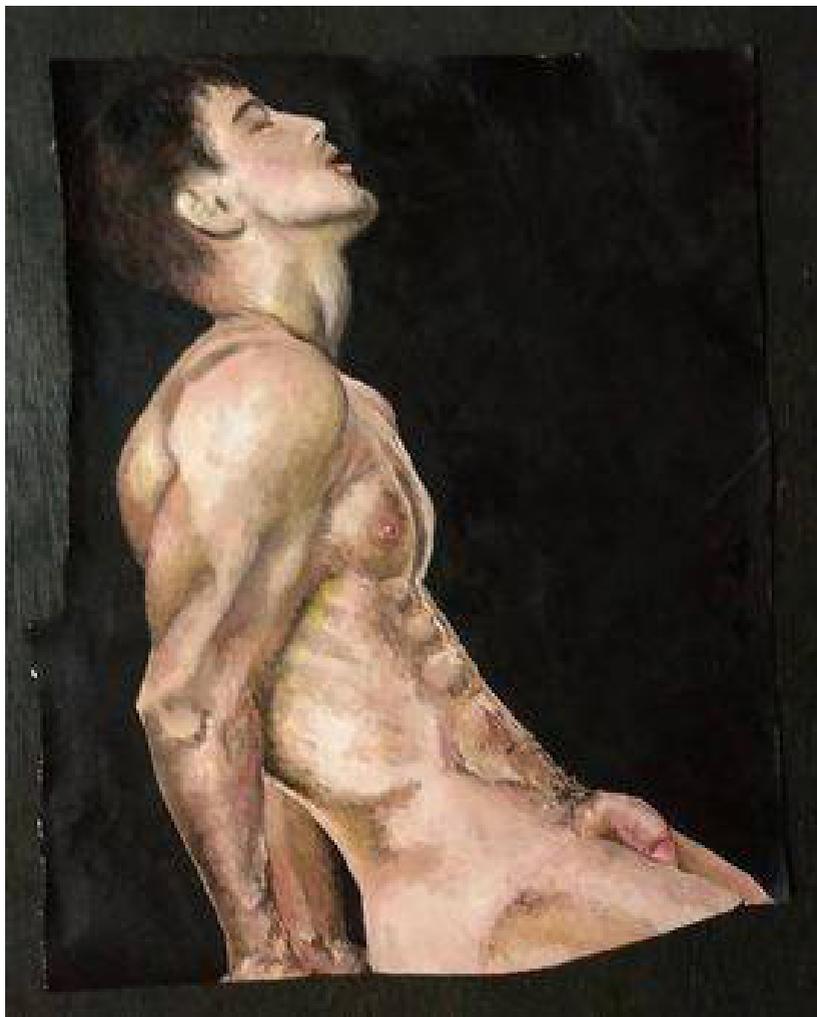
Com participações de mostras internacionais como na Argentina, República Tcheca e Rússia, assim como em diversos estados do Brasil destacando as regiões do Nordeste e Sudeste. Atualmente tem também iniciado um trabalho de curadoria com projetos e realizações de mostras de arte.

Paulo aborda atualmente os limites Queer estreitos entre sensualidade, erotismo e pornografia. Através de seu trabalho, revelando um submundo político e minoritário. Um outro tema caro ao artista é um mergulho na essência da identidade nacional do homem comum.





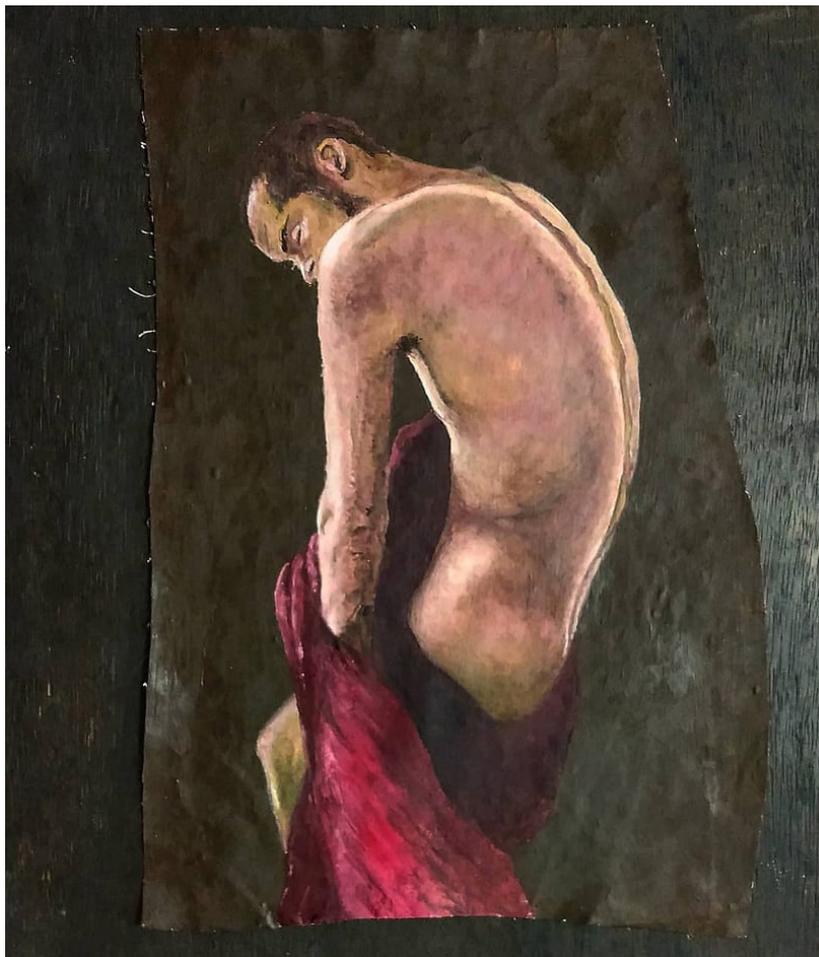
BT 3– Dá série meninos - Registro em fotografia . 2018.



Calma e prazer - óleo sobre tela 33 x 40 cm 2020



Dupla – Dá série meninos - Registro em fotografia . 2018.



Found a Reason - óleo sobre tela 30 x 41 cm 2020

ALFARRÁBIOS

PRISCILA MOREIRA



Natural de Salvador - Bahia. Psicopedagoga, mediadora de leitura, poeta e escritora. Integrante do grupo Mel (Mulheres Entre as Linhas), Clube dos Poetas da Bahia. Participa do grupo de pesquisa Contadores de Histórias da Bahia, integrante do Coletivo Minorias. Participou da Antologia Internacional e Antologia Poética Mulher Poesia volume 02, Editora Cogito, 2017. Fanzine Alfarrábios Edição XV, XVI, XVII em

2020 – Armazém de Quinquilharias e Utopias e da Coletânea Reverdecer (2020). Lançou o seu Fanzine Individual Entre Altos e Baixos em 2020 – Armazém de Quinquilharias e Utopias.

Participação no Projeto Ecoa Mulheres: A Força do Feminino Através das Palavras, 2021.



O que falar do tempo?

Ele passa devagar, mas nem sempre é assim, às vezes o tempo passa feito flecha ou jato incrivelmente pleno e rápido. Tanto aprendemos com ele que nos inspira, anima e nos ensina.

O que falar do tempo?

Olho para o tempo o relógio e vejo as horas passar nem sempre elas com pressa, mas no seu adiantar tem vezes que de repente se encerra, acaba ou se completa.

O que falar do tempo?

Que nos trás sussurros, formas, faces, suspiros, dimensões, surpresas, medo, inseguranças, lamentos pelo decorrer de acontecimentos do dia a dia.

O que falar do tempo?

Nem sempre nos distancia do espetáculo incalculável pela força do desejo, querer, delírio e do prazer, simples assim o que nos diz.

O que falar do tempo?

Circunstâncias que acontecem como vendáveis por atos que nos fortalece naturalmente com o cotidiano tão unânime e magistral.

O que falar do tempo?

Transmite para nós reflexão, exame ou tomada de consciência, possibilidade concreta de pensamentos positivos, rico em memoráveis lembranças, atitudes de sabedoria e bom entendimento.

O que falar do tempo?

Fruto de desabafo, resgate do passado antes engasgado hoje no presente libertário pelos relatos alarmantes em vida.

O que falar do tempo?

Bela oportunidade que com a visita do silêncio anoitece com a escuridão do dia em outros momentos amanhece com o clarão do dia, mas permanece, persiste e não desiste de nos trazer lições de vida, experiências tão válidas ocorridas.

O que falar do tempo?

Além dos becos, vielas, muros e das transversais trás para nós força para o dia a dia enfrentar em meio as dificuldades, seguir em frente.

O que falar do tempo?

Urge feito leão e para toda gente trás o exercício da paciência, transmite boas energias, inspirações, e a esperança do melhor pra todos nós.

O que falar do tempo?

Deixa saudades, motivo de aprendizagem, nos favorece em sobriedade, certas coisas com ele preferimos esquecer, outras guardamos na lembrança pelo tempo de infância face boa de toda criança.

O que falar do tempo?

Senhor de tudo, será? Sinceramente pra ser franca não sei, revela a espera com paciência para outros não, difíceis de aguentar a ansiedade ou inquietação.

O que falar do tempo?

Eu e o tempo

Presente, passado e futuro que possamos conjugar o verbo em suas variações de tempo. No pretérito mais que perfeito em modo indicativo, subjetivo ou imperativo assim expresso com variantes e nuances importante para nós. Seja ele rápido, duradouro, faceiro e passageiro, ao descrever o tempo, não percebemos o passar as horas ao ler uma boa leitura, sendo ela gostosa e calorosa. O tempo pode escorrer pelas mãos feitas água corrente e abundante, se não soubermos abem aproveitá-lo, ele passa rápido de repente feito relâmpago, tempestade, raio, vulcão, trovão. O tempo vai e vem como no piscar de olhos sai de cena, deixa saudades de um momento bom, quando falamos sobre ele nos deparamos descrevendo o tempo de infância, como é bom dela recordar, relembrar com carinho, emoção e sentimento de alegria dessa fase boa. Pois quando éramos criança, não tínhamos preocupações de contas a pagar, não pensávamos em trabalho nem emprego já que só ficávamos pensando no que fazer estudar e brincar deixando assim as horas passar sem perceber. O tempo ia desse modo passando, brincando em casa com os irmãos ou muitas vezes sozinha, para outros brincarem no com os vizinhos do bairro na rua para alguns a brincadeira era realizada, feita no quintal da vovó por exemplo. E o que falar das férias do fim de ano, recesso de carnaval e junino

aproveitando para só passear, se divertir e viajar. Lembro com saudades desses momentos, tempos bons que não voltam atrás, mas só deixam na memória: lembranças.

Recordações

A saudade pode nos causar dor, mas para outros trás boas lembranças. Assim reviso memórias, olho para o tempo, choro pelas histórias e acontecimentos que vivi há tempos atrás. Tantas coisas boas podemos com o decorrer do tempo relatar, o que vivemos e vale a pena recordar como: subir no pé de carambola, comer seriguela fresquinha diretamente do pé, pegando na hora, pular o murro do vizinho para roubar manga verde no quintal para comer com açúcar e sal. Brincar com os vizinhos de fura pé, carrinho de rolimã, cabra cega, corre e pega congelou, amarelinha ou pular elástico. Posso me alimentar de saudades, mas quero saber quem não sente falta desse tempo? Choro com os álbuns de família, alimento acontecimentos e me desmancho com os ciclos, experiências da vida. Cenas descritas são essas que jamais foram e nem serão esquecidas, as que fazemos questão de guardar na memória e deixar bem guardadas com carinho, afago e afeto na caixinha de recordações, mas infelizmente, vale ressaltar e estamos cientes que com o passar do tempo, não voltam atrás e para nós só

nos restar lembrar com saudades. Naturalmente a gente não quer lembrar ou saber de certas coisas que não foram boas nem fizeram bem. Infelizmente a vida às vezes nos prega peça que tenham que saber lidar nessa luta pela sobrevivência.

Ciclos da vida

A vida é um paradoxo existencial. Retrato do cotidiano presente por marcas contraditórias da sobrevivência. Com isso o existir nos tira do que é cômodo para chamar atenção, mobiliza de repente sem esperar, dar movimento para incomodar. Assim a existência humana vem para nos mostrar, representa a voz que de acordo com as experiências da vida, oprimida, calada e omissa necessita ecoar. Humanamente percebemos que o ciclo da vida gera para nós, aprendizagens inúmeras a partir de suas escolhas, decisões e atitudes de cada um. No decorrer do processo em curso ao qual fazemos parte, cada um precisa se amar, abraçar, e se valorizar, acolhendo a sua diferença em realidade, sua essência em desigualdade, já que na condição de seres humanos, somos diferentes em tudo. Prossigo dizendo que naturalmente nos deparamos com o cotidiano cheio de causas e efeitos com ações ou percepções analíticas também subjetivas diversas ou adversas. Tudo isso faz

parte da convivência e nós estamos diante de uma bipolaridade entre as pessoas em sociedade, fruto de conflitos e fatores internos ou externos perante a comunicação nas relações interpessoais. Onde enquanto uns choram, outros dão, uns lamentam, outros esperam, uns vibram, outros se despedem, uns amam, outros não uns celebram, outros sofrem, uns festejam, outros morrem, uns sorriem, outros brigam, uns buscam a paz outros guerra, uns perdoam, outros morrem sem dar o perdão, amam, outros odeiam, uns sentem raiva, outros prazer, uns sentem dor, outros alegam, uns desejam, outros detestam, uns sonham, outros se acomodam, uns superam, outros estacionam.



ALFARRÁBIOS

REGINA ALVES



Com 23 anos de carreira artística, natural do Rio de Janeiro (Brasil). Atriz, poeta, performance, professora de teatro (atualmente, ministra cursos online de leitura dramatizada e curso livre de teatro). Faz parte do Coletivo Minorias. Dirige duas companhias de teatro: a Entuarte e a Interarte. Assina a Direção Artística do Espaço Cultural Interarte. Autora do livro “A Flora que Aflora a Alma” (Autografia). Participou dos fanzines “Epitaphio II”, América Latina e Caribe Vol I, e “Alfarrábios” - edições XIV, XV, XVI, XVII, XVIII (Armazém de Quinquilharias e Utopias). Parti-

cipou da Antologia “Um Brinde à Poesia - 21 anos”(Dowslley), Antologia Reverdecer organizada por Pedro Garrido e Marrizia. Tem canal no YouTube de contos, poesia e teatro. Em seu instagram (@regginalves), realiza lives sobre a construção e a desconstrução dos artistas, aos sábados sempre às 18h30. Colunista do jornal Daki - coluna Cultura & Lazer, com foco na produção independente. Sigam no Instagram: @regginalves @entuarte @minorias5 @collors_magnifico.



PALAVRAS

Adoecemos pois o pior mudo

É aquele que fala

Mas cala

E palavras NÃO DITAS

Aos poucos matam...

O amor, amizade, respeito...

A GRAÇA!

Palavras MAL DITAS

Destroem, muros, fortalezas,

Sentimentos ...

CARÍCIAS

Palavras MALDITAS

Essas ... de fato MATAM!

E como dissemina pior que

QUEIMADA.

SOZINHO

Ser e estar só implica em apenas um ferido,
VOCÊ!

Apenas um abandono e descaso, o seu!

Quando caminha e olha para o lado não

Tem importância, só tem você!

Estar só é ter certeza que somente um irá

Se machucar e quem feriu foi apenas

VOCÊ!

COMO

Perdeu algo que talvez

Nunca tenha sido dela

e descobriu algo que lhe

pertencia só não sabia

como.

FRIEZA DA TELA

Num passado não muito distante

Deus travava coisas no tempo.

As crianças não se machucavam

fazendo as coisas mais loucas

e bizarras do mundo.

Algumas delas cresceram e

mataram essas crianças que

Deus guardava.

Dando lugar a um ser humano

que nem sempre habita a

humanidade em si...

Despiu-se da pureza dando as

suas gerações uma tela e nada

mais com toda a frieza.

A criança adormecida em ti

Pergunta, chora e sofre:

Por que não permiti que as novas

Gerações sejam felizes

Assim como foi um dia?

VAZIOS

Olhei tanto pra dentro
Que quando olhei para
Fora
Não me adaptei e
Fui embora.

ME FALARAM

Um dia me falaram : Não foque muito!
Descarte rápido!
Não se envolva tanto!
Não seja INTENSA ...
Tudo é PASSAGEIRO !
Comprei um ÔNIBUS...
Se tiver que passar que seja ao meu LADO !

PASSOS

Meus passos são guiados pelas
minhas ancestrais.

Ando num caminho de batidas de
tambores.

Elas já viveram muitos horrores...

continuamos vendo e vivendo

Em um mundo de Maldade ...

onde ter a pele negra

Serve de qualquer motivo pra
ataques e dissabores.



ALFARRÁBIOS

RITTA CIDHREIRA



Nasceu em Ipiaú, Ba, (Ritta Cidhreira), formação em pedagogia pela FESPI/UESC (Universidade Estadual de Santa Cruz). Compõe poema para musicá-los ou não desde os doze anos. Participou Festival de Inverno de Conquista 1994, música Nossos Pedidos no Cd duplo. Música Jubiriá, melhor música no festival da escola de Acácia, quando das aulas de canto. Foi diretora do Departamento de Música da Casa de Cultura de Ipiaú, Lançamento CD, independente, Uma dose de Erva em 2015. Shows no Teatro Sesi, 2011 e no Porto dos Livros em 2015.



Mente

A mente é que sente.
E sente até que mente a si.
O que está fora vem pra dentro
Se está dentro esse fora em mim.
Conheço se reconheço,
E isso é fora de mim.



Bas-tan-te

Basta pouco porque nada basta.

1)

Depressão na ponta dos pés ?

É o amor saindo.

2)

Paraíso é meio grão de areia à sombra do redemoinho.

3)

Em tempo de 143 caracteres,

amizade é gesto.

4)

Coração que toca junto não “dança”.

5)

O mar ruma na pedra o sonho perdido do barco.

Frugívoro

Pastilhas de pastiches dissolvem na boca.
Desfiam mangas das auréolas.
Partidos : limão e framboesas,
Cerejas permeiam entreabertas.

O olho ao sol se entranha.
Fagulhas de cheiros se aventam.
A boca da fenda tremula.
Casca em mirras alimentam.

Líquidos florescem aos urros.

Líquidos ladram a gula.
A boca pulula o futuro.
A sede da carne é segura ?



Mente

A mente é que sente.
E sente até que mente a si.
O que está fora vem pra dentro
Se está dentro esse fora em mim.
Conheço se reconheço,
E isso é fora de mim.



Bas-tan-te

Basta pouco porque nada basta.

1)

Depressão na ponta dos pés ?
É o amor saindo.

2)

Paraíso é meio grão de areia à sombra do redemoinho.

3)

Em tempo de 143 caracteres,
amizade é gesto.

4)

Coração que toca junto não “dança”.

5)

O mar ruma na pedra o sonho perdido do barco.

ALFARRÁBIOS

SERSE LUGETTI



Born on 3 august 1949 in Castiglione del Lago (Umbria). After studies of philosophy, bookseller and publisher discovers the mail art network in the late seventies. Since 40 years active with mail art, visual poetry artist books and audio art in hundreds of exhibitions. His works can be seen in various reviews, zines, catalogues, books, archives, records, assembling magazines and websites all over the world.

Among them Alfabeto, Tam Tam Geiger, Art Postale! Doc(k)s, Commonpress, Kart, Franticham Assembling, Box, Total, Assembling, Bau Bambu, Offerta Speciale, Clinch, UNI/vers(;).



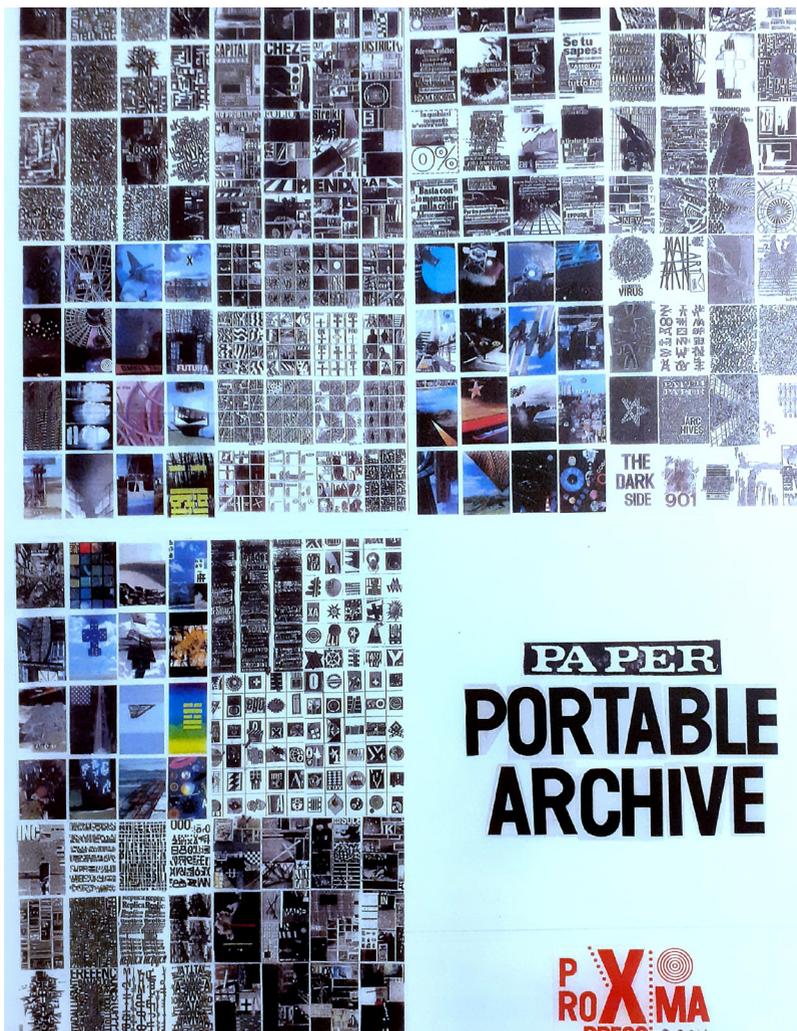
ALFARRABIOS

SERSE LUGETTI

The image shows a complex cryptographic device known as an 'alfarrabio' or 'alphabetic cipher'. It consists of a large grid of letters and symbols, with several circular rotors (cylinders) placed over it. The rotors are labeled 'Espa' and 'Espa' and contain the letters of the alphabet in a specific order. The grid is divided into sections, with some sections containing the letters 'z l m n i o p q' and 'y' in the top row, and 'x v u t' and 'Espa' in the bottom row. The device is used to encrypt and decrypt messages by shifting the letters in the grid according to the positions of the rotors.

The grid contains the following text:

z l m n i o p q f f
y
x v u t Espa a r o p q
z l m n y
x v u t Espa a r
A B C E F G H I K L P Q R S T V X
H I K L P Q R S T V X
P Q R S T V X
á è ì ó ü y z
á è ì ó ü y z
á è ì ó ü y z
* ct J j ft ff
. c e
& b c
z l m
y
x v u t Espa
z l m n i p q f f
y
x v u t Espa a r ,



PAPER
PORTABLE
ARCHIVE

PROXIMA
MA
2007

ALFARRÁBIOS



Violonista concertista e compositor, explora as possibilidades do universo violonístico caminhando pelo repertório da música de concerto e da música popular.

VICTOR HUGO ROSA



“Delírio”

Mal consigo dormir,
Acordo cedo para não perder o ritmo,
O coração entala a garganta,
E os olhos enchem d'água.
A virilidade exacerbada revela-se em fraqueza,
Mediocridade se torna corriqueira,
Aceita-se a ordem dos que não tem caráter
E tudo se transborda em caos.
Não há razão,
Não há compaixão,
Não há sensatez.
Humilhação.
Não,
Não é isso que quero,
Não é o que sinto,
A crítica é filha do movimento
Daqueles que ainda encanta seus sentidos.
A arte salva,
O poder cega,
A mão não acolhe mais,

E os que antes eram confronto
Hoje já não tem tempo para a guerra,
Estão ocupados em se jogar confetes.
Ávida ainda permanece a alma,
Porém o corpo já padece da embriaguez mundana,
Não há controle, apenas enxertos e solidão,
E a esperança é uma luz distante na curva de um túnel
que não se vê o fim.
Eu anseio outro roteiro,
O novo se fez velho demais,
A vitória saiu pela culatra,
Ninguém ganhou, todo mundo perdeu.
Perdeu, e perdeu, e perdeu, e perdeu...



ALFARRÁBIOS

VINI BORGES



Artista plástico e escritor. Autor de “Rebento” (Armazém de Quinquilharias e Utopias, 2020). Niteroiense de Santa Rosa, utiliza suas vivências na sociedade para criar e fazer arte. Já participou de muitas edições do fanzine “Alfarrábios”.

Contate o instagram @viniborges1966.



Rua da Vida

Na sarjeta, vestígios de vida sem vida:

a fome embalava os olhos marejados de quem pedia um trocado, moedas caíam ao chão.

Nos vestígios deixados, o calor de quarenta graus ainda aparecia no asfalto,

queimaduras nos pés por andar na avenida que olhava entristecida, a fome frita.

As moedas usadas para mais um gole anestesiava a vida que doía no estômago enganado que contraía resquícios de fome ali ainda existia e persistia comia restos, incestos por falta de opção.

No olhar ainda se refletia a pobreza, que foi-lhe imposta ao nascer.

Cresceu entre migalhas que a sociedade lhe jogava com sorrisos e soberba.

Não nasceu em berço esplêndido... o berço? Quiçá um jornal que nem foi lido, notícias em lixão.

Sonhos que as drogas levam, ondas que não existem só no mar,

delírios compartilhados em tantos discursos.

Utopias de que cuida, e quem cuida?

Sem abrigo, sem alimento, sem dignidade,

verdade nua, realidade crua, sociedade que finge.

Ele, eles só tem a rua.



Sobrevivência

Sobreviver e ter a coragem de se reinventar
diante de tantos fatos que nos enfraquecem.

Seguir em frente foi o que eu fiz
depois de tantos lutos vividos.

Tempos que vivi entorpecido por várias drogas:
a droga do abandono, a droga do meu próprio abandono,
a droga do desamor, as drogas ilícitas que me seguravam

distante da realidade,
realidade que me foi imposta pelo destino...
Conviver com ela foi o que me deu coragem.

Desconstruir foi necessário para me pôr de pé,
processo lento e de muita recaídas.
Tombos e cicatrizes foram precisos,
quase vitais para essa reconstrução .
O caminho seguido até até aqui, com muitos atalhos, se
cumpriu.

A vida foi generosa e sorriu pra mim.
Eu, com minha alegria modesta, sorri também,
agradei por ter me tornado quem eu sou.
E quem eu sou?

Acho que ainda falta muito,
pouco de tudo, tenho.
Juntar é o que me faz seguir em frente.
Quer saber quem eu sou?
Tente desvendar a vida.
Eu sobrevivi.

Violência

desejo menino, filmes adultos em cenas impróprias
ele protagoniza a história em segredo
pele arrepia, a infância corrompida, libido em nascimento
cinismo que engana, carinha de bom
foge e se esconde, boca fechada pedida em troca de doces
erro sabido no seu íntimo que
fascínio pelo proibido, instinto que chama
nem sabe o que faz, mas sorri e se entrega
brincadeiras que tocam, carícias sem sentido
cheiro do álcool, logo se assusta
corre e grita, ninguém acredita
apanha o menino: sua verdade é mentira (melhor assim)
cresce e sente prazer
o reflexo no espelho é a violência, emudece a libido

Melanina

Negro em vários tons

Negro em vários sons

Negro de vários dons

Negro de tantos bons

Negro na tela é preto

Negro na cela do gueto

Negro de alma negra

Negro de forma íntegra

Negro não é intriga

Negro só instiga

Negro só se castiga

Negro só se desfaz

Negro já sofre por ser negro

Negro só quer ser

Negro só quer ter

Negro só faz bem

Negro a maioria se tem

Negro é a história

Negro é a conquista

Negro é a alegria

ALFARRÁBIOS

VINI BORGES

Negro é meu pai, minha mãe e minha tia

Negro não quer mais

Negro e seus ais

Negro é demais

Negro sempre está e estará na história

Negro não é escória

Negro é a memória

Negro que te quero sempre negro